

My Insane World

Já sei o o que veio fazer aqui.
Quer mostrar que tenho cura,
que posso ser normal.

Sei o que quer.
Quer transformar meu mundo.
Tirar minha loucura e insanidade.
Tentar ser o salvador do meu caos.

Então tente...
Quem sabe coloco seu cadaver
no meu canto preferido.

Apenas para lembrar...

O mundo que quer me salvar
Sou dono.



autor: adriano siqueira
www.adrianosiqueira.cjb.net

PARTICIPE DO NOSSO GRUPO DE CONTOS
<http://br.groups.yahoo.com/group/adoravelnoite/>



ADORÁVEL NOITE

www.contonoturno.hpg.com.br

nº15



**Os melhores contos de vampiros
feitos para a internet agora em fanzine.**

www.contonoturno.hpg.com.br

PRODUÇÃO E COLABORAÇÃO

CRIAÇÃO, ELABORAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, COORDENAÇÃO:
ADRIANO SIQUEIRA - LORD_DRI@TERRA.COM.BR
ADORÁVEL NOITE - HTTP://WWW.CONTONOTURNO.HPG.COM.BR

Este Fanzine teve a colaboração de: **Grupo de Vampiros da internet:**
Anderson Siqueira <http://br.groups.yahoo.com/group/adoravelnoite/>
www.misterio2.cjb.net <http://br.groups.yahoo.com/group/tintarubra/>
Camila Moura <http://br.groups.yahoo.com/group/vampirevich/>
www.seducaovampiros.hpg.com.br <http://br.groups.yahoo.com/group/wampyro/>

Diário dos Vampiros



Crow Girl

As gotas de sangue explodem nas suas mãos suaves.
Ainda sinto seu abraço mesmo sendo etérea.
Ainda sinto seus beijos mesmo sendo fogo.
Ainda sinto seu calor mesmo na madrugada.
Sinto Crow Girl,
Sinto toques,
Sinto calado.
Mesmo depois da morte.
que para mim...
é vida!
autor adriano siqueira

www.adrianosiqueira.cjb.net



Benta das Penas e os Vampiros

Nasceu em noite de parco mensturo, numa noite em que, por falta de lua ou de azeite na lamparina, quase foi levada pelas almas penadas. E se não fossem as cascas de alho queimadas e o coto do umbigo enrolado no terço da avó, não seria Benta e sim Mardita. Por pouco não foi lambida pela língua do Capeta e, pela ausência de sangue, foi poupada pelos vampiros.

Cresceu raquítica como crescem as almas benditas, vazia de sangue para corar bochechas que não tinha. Criança feia, desmilinguida como as galinhas que ciscavam areia e pedra no terreiro. Franzina que nem sopa de defunto, oca como a goela dos ossos dos bois.

Embora o transcorrer dos anos afirmasse que ela crescia, o mesmo não dizia a geometria, pois a cada dia Benta das Penas encolhia. E de tanto carregar tralha no topo da cabeça, o pescoço foi encurtando, as pernas arqueando e o sangue, que já era pouco, mingando. Menstruou "vento", como sua avó dizia. Pariu fantasmas e abortou assombrações. Mas foi seguindo a vida e tapeando a barriga. Sobreviveu por teima, por puro vício...

No dia em que a avó se foi, levando as desgraças do bom Deus, Benta fez uma trouxa com o quase nada que possuía, amarrou o filho na cintura e tomou a estrada. Caminhou léguas, seguindo uma estrela que a avó lhe dissera ir dar em Belém. Mas não deu. A avó, por falta de instrução ou por carência de maldade, estava errada! O caminho escuro, assombrado, penado, desembocou na goela de uma cidade enorme, acimentada como as pedras e cruel como o carcará.

Quando a viu, por susto ou por sina, o filho preferiu o colo da morte e se foi, levando as desgraças do bom Deus. Benta, por teima ou carência de líquidos, não chorou. Enterrou o filho numa vala sem cruz nem vela, fez o sinal da cruz, rezou uma salve-rainha e partiu, rumo à cidade dos bebe-sangue.

Na terra dos vampiros foi contratada para carpir duzentas e sessenta penas. Carpiu com esmero e esperança. Mas como bem dizia a avó, "esperança de pobre dura pouco!", e a sua se foi com as desgraças do bom Deus e com o pouco sangue que ainda tinha.

Benta das Penas morreu sozinha num corredor frio de um hospital da periferia.

Os vampiros? Ah, esses continuam por aí arrodeando lábias e roubos, cercando os desvalidos nos becos escuros das cidades dos benditos!

Marcia Frazão

mfrazao@netflash.com.br

PRÍNCIPE DAS TREVAS

Por Bianca Beiruth
biabongiovi@pop.com.br

Sou a alma que vaga na noite taciturna,
O corpo putrefato que a terra devora,
Espírito indolente que a lua suga para meu deleite.

Rumando por ruas desconhecidas,
Meu alimento olha-me num misto de prazer e medo,
Contemplando a face dual de um Anjo Negro.

Sedutoramente me aproximo dele
Fitando-o com ardor e paixão
Desejando possuí-lo completamente.

Sem proferir palavra alguma,
Sorratamente debruço meus lábios nos seus,
Com o apetite a degolar-me a garganta.

Suavemente deslizo minha língua por seu pescoço
Sentindo o suave odor da carne alva e macia
E mordiscando-a delicadamente.

Com o gosto de sangue na boca
Sinto-o percorrer por minhas veias delgadas
E o êxtase a tomar meu corpo com voracidade.

Olho para o céu e ergo minhas mãos,
Ajoelhando-me em minha terra sagrada
Agradecendo pela seiva da vida concedida.

Deito-me no chão frio
E ainda posso ouvir as batidas de seu coração
Num ritmo descompassado e vivaz.

Aprecio a presa bela, acaricio sua face e rasgo meu pulso
Fazendo com que tome agora meu sumo
E assim reviva para uma nova vida, eterna vida.

Findo o ritual, tomo meu sustento nos braços
E levo-o à viagem mais excitante de sua vida:
A de ser o meu Príncipe das Trevas!



Sussurros Noturnos

Conde Stradh <senhordasflorestas@yahoo.com.br>

Arde o tempo sobre a minha lapide. A cada toque o orgasmo fático. Lúgubre veia eterna que serpenteia por entre as chagas de teu veloz e austero ser. Comungo de tudo e de todos para que entre os lamentos de desespero somente teus olhos em desespero eu possa desejar. Para sempre e sempre.

Veloz com teus caninos sobre a minha pele em farrapos, corta-me e sacia-me. Rasga minha essência, provoca dor maior sobre cada suspiro. Entrega cada osso quebrado em forma de sacrifício ao altar de prazer e desejo. Nudez esbelta, sorriso malicioso. Não me deixa suplicar. Não me deixai negar. Faça-me seu lamento em sangue e dor.

Deseja me ver fenecer em sangue, totalmente sedenta pelo meu néctar. Quero ser consumido no teu desejo. Entrego meu corpo marcado por teus lábios, rasgado por tua boca faminta. Revira-me a entranha e deturpa minha fisionomia. Irei ama-la até que possa cair morto, fúnebre, sob o vão das tuas coxas. Livra-me meu corpo do espírito.

Livra-me dos sonhos.

Sinto a mutilação de nosso gozo, as marcas desfalecidas da palavra agonizante que se banha em nosso suor de sangue. Não tenho direção, apenas o mar de dor ao vê-la novamente revirar minha carne esfolada, o asco da morte em minha boca a promessa de diversão em teus olhos. Teu sorriso. Oh teu sorriso eterno, belo, a malícia da senhora da vida e da morte em um quadro de prazer. Vejo-me em nossa embriaguez agonizante.

Silêncio. Silêncio. Os corpos em fim caem. O teu em sangue, meu sangue. O meu corpo em pedaços. Pedaços do ermo de prazer. Apenas o som dos teus sussurros noturnos sobre a minha lapide que arde.

Ass: Conde Stradh
www.songsofshadows.blogger.com.br
www.santuriodastrevas.cjb.net
www.fotolog.net/condestradh
www.fotolog.net/banda_tellurian



O Preto e o Branco

Conforme ele ia caminhando, as cores dançavam ao seu redor. Um passo, e o azul surgia. Outro passo, e o verde piscava. A Vampira não conseguia sequer acompanhar o Fazedor de Arco-Íris, tamanha era a sua velocidade.

E, por onde ele passava, as estrelas diminuía seu brilho, e faziam uma reverência.

Os pássaros se despiam de suas penas para amaciar os caminhos por onde ele pisava.

Os mares silenciavam suas espumas, e se abriam, para que a caminhada não fosse interrompida.

E, por fim, quando a Vampira finalmente conseguiu alcançar o Fazedor de Arco-Íris, e suas mãos tocaram os cabelos vermelhos, ele se virou para ela, sentou e chorou.

O amor pela Vampira tocou seu coração, e ele conheceu a totalidade da sua própria essência nos braços daquela criatura. E viu, refletido nos olhos dela, a total ausência dele mesmo.

Diz a lenda que foi assim que surgiu o Preto e o Branco.

Roberta Nunes
ro_profana@yahoo.com.br



Noturna Paixão

Desejo de sangue, vôo noturno,
Boca seca, Noite fria,
Cheiro indica a caça, soturno,
fome e dor, antipatia.

Vento na janela, ela resiste
meus pensamentos exigem,
"alimente-se" ela insiste,
rasgo a roupa com coragem.

Meus dentes em seu pescoço
Alegrias em pensamentos, atentos.
no olhar um clarão maravilhoso
no paladar os melhores alimentos.

Ele aparece com aquela estaca
deitando ela na cama me preparo
ele é rápido e pega uma arma
me detém com um disparo.

Minha força, ele não é páreo
intangível, não sinto nada.
Ela é ferida, cai instantâneo.

Em meus braços ela morre.
Gritando ele tenta se vingar.
A dor agora me consome.

O beijo era instaurador
E pela janela ele se jogou
Ela ressuscitou, é o amor.

Autor Adriano Siqueira
lord_dri@terra.com.br
www.adrianosiqueira.cjb.net

